

Viagens técnicas: instrumentos potenciais de aprendizagem nos Cursos Superiores de Tecnologia em Turismo no Brasil

Raul José DE SOUZA¹

Resumo: A importância do turismo na economia global tem levado à necessidade de formação de profissionais aptos a enfrentarem os desafios que são inerentes ao setor do turismo. A formação de recursos humanos com competências efetivas para atuarem em diferentes setores da atividade turística tem-se apresentado como fulcral. Em termos de desenvolvimento educacional em nível mundial os cursos de turismo foram sendo ofertados em consonância com o crescimento da educação profissionalizante e, de fato, esta tem sido uma tendência nos dias atuais no Brasil com o crescimento da oferta formativa em turismo ao nível superior tecnológico. Conhecer a percepção dos estudantes dos cursos superiores de tecnologia em Turismo acerca do desenvolvimento de competências balizadas nas viagens técnicas como um instrumento de aprendizagem é, portanto, o objetivo principal deste estudo. A necessidade de um conhecimento tácito no contexto do turismo se tem revelado crucial, porquanto este permite que as metodologias de ensino e aprendizagem desempenhem um papel importante na educação da área. Através de um inquérito por questionário aplicado a uma amostra composta de 77 estudantes de cursos superiores de tecnologia em Turismo foi possível revelar a representação que os aprendentes fazem sobre as viagens técnicas no ensino e aprendizagem tecnológico do Turismo. Os resultados apontam para uma leitura muito positiva dos estudantes sobre esse instrumento de aprendizagem, sobretudo no que respeita a possibilitar aos mesmos o desenvolvimento de competências específicas, mas também horizontais, isto é, o aprender a pensar, o espírito crítico, o aprender a aprender, a capacidade para analisar situações e resolver problemas, as capacidades comunicativas, a liderança, a inovação, a integração em equipe, a adaptação à mudança, entre outras.

Palavras-chave: Viagens técnicas. Atividades de vivências de experiências. Formação Tecnológica em Turismo.

Introdução

Caracterizadas por cariz eminentemente prático e conduzidas através de métodos e técnicas próprias para promover o ensino e a aprendizagem do turismo por meio de atividades de vivência direta de experiências, as “*field trips*” designadas como viagens técnicas no ensino em Turismo no Brasil, têm se configurado como instrumentos substanciais de aprendizagem, além de representarem atividades fulcrais para a formação dos estudantes dos cursos superiores de Tecnologia em Turismo.

Numa primeira aproximação, o conceito de atividades de vivência direta de experiências foi tomado como aquelas que são implementadas e conduzidas através de métodos e técnicas próprias, buscando promover nos estudantes a possibilidade de adquirir conhecimentos e desenvolver competências, bem como a produção de trabalhos para além do ambiente da sala de aula e em contextos reais. Desse modo, ao envolverem-se com atividades de viagens técnicas, os estudantes não apenas observam, registram e interpretam com base no contexto em que estão inseridos, mas também interagem com seus pares,

¹ Doutor em Turismo. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). raulsouza@campus.ul.pt.

professores, com os profissionais do setor do turismo, com os turistas, com a própria comunidade de sua residência ou dos destinos a visitar e com o mundo exterior à instituição de ensino.

Não obstante a relevância deste instrumento de ensino e aprendizagem no Turismo, não tem sido, entretanto, objeto de curiosidade científica, as atividades educacionais de vivência de experiências, sobretudo, as representações que os atores (estudantes), constroem das viagens técnicas, tão pouco os supostos resultados educacionais advindos pela utilização destas técnicas experienciais no ensino superior tecnológico em turismo no Brasil. Há opiniões e convicções tanto individuais como coletivas acerca disso, que têm por vezes sido publicamente expressas, mas que não chegam a representar um conhecimento científico da realidade.

Foi precisamente esta convicção que, de início, nos levou a considerar como tema pertinente de investigação a procura de respostas para a seguinte pergunta: *“Qual o significado que os estudantes atribuem às viagens técnicas, bem como as representações que delineiam sobre este método de aprendizagem no âmbito do ensino superior tecnológico em Turismo?”*

O texto produzido para este *paper* representa um fragmento de uma tese desenvolvida no âmbito do Doutorado em Turismo da Universidade de Lisboa sob o título: *“A formação Tecnológica em Turismo no Brasil: potencialidades e fragilidades das atividades experienciais nos cursos de Gestão de Turismo”*, cujos resultados da investigação poderão nutrir o leitor com uma reflexão mais profunda sobre o tema do ensino tecnológico em Turismo no Brasil.

Metodologia

A investigação parte de uma reflexão teórica – revisão bibliográfica –, acerca das atividades de vivência real de experiências, as quais são representadas entre outras, pelas atividades de viagens técnicas, implementadas nos cursos superiores de tecnologia em Turismo. Tendo em conta a necessidade de perceber o significado que os estudantes atribuem às representações dessas atividades na aprendizagem do Turismo foi realizado um inquérito por questionário junto a uma amostra de estudantes de um curso superior de tecnologia em Gestão de Turismo da cidade de São Paulo. Importa mencionar que trabalhou-se com um universo próximo a (N = 380), que corresponde ao total de estudantes que tenha, efetivamente, realizado pelo menos uma atividade de vivência de experiência, tendo sido considerados válidos um total de 77 que corresponde a 20%. Os dados do inquérito foram acompanhados por análise quantitativa (Quivy & Van Campenhout, 2005), tratamento estatístico simples e análise descritiva. Para efeito deste “paper”, considerou-se realizar uma breve análise, necessariamente de síntese, dos principais atributos investigados.

Objetivos da Investigação

No que refere aos objetivos, parte-se do objetivo central em acentuada correspondência com a análise das representações que os estudantes constroem sobre as viagens técnicas como atividades de vivência de experiências no ensino superior tecnológico do Turismo.

Revisão bibliográfica

Aprendizagem em contexto real

Tendo sua origem no trabalho realizado por estudiosos do Século XX, tais como Dewey (1938), Lewin (1951) e Piaget (1970), a aprendizagem em contexto real busca, promover a possibilidade dos estudantes adquirirem conhecimentos, habilidades, e o desenvolvimento de competências tanto específicas, mas também horizontais, isto é, segundo Getz (2007), o aprender a pensar, o espírito crítico, o aprender a aprender.

Hawkins e Weiss (2005: 3), referenciam que muitas vezes o conceito de aprendizagem em contexto real, também conhecido como "aprendizagem ativa" ou "aprendizagem aplicada", segundo os autores, é creditado a John Dewey². Sua visão era integrar sala de aula e aprendizagem no local de trabalho, de modo a promover a completa auto-realização, conforme referencia Saltmarsh (1992). A educação experiencial refere-se a atividades de aprendizagem que envolvem o aluno diretamente no fenômeno a ser estudado.

Kolb (1984) argumenta que a aprendizagem em contexto real centra-se na aprendizagem que ocorre no contexto de uma situação ou uma experiência em que a mente constroi o conhecimento tendo em conta a interpretação da experiência com uma realidade externa para construir um significado, o qual é, de certa forma, real para o aluno. Kolb (1984: 21) evidencia que a aprendizagem é facilitada através deste processo, porquanto este se inicia com uma experiência *in loco*, seguida de coleta de dados e observações sobre aquela experiência. Após a análise dos dados e as conclusões esta oferece um *feedback* para os atores da experiência.

Dewey (1997: 89-90) reafirma seu princípio básico de que “a educação deve ser balizada na experiência que é sempre a experiência real de vida de um indivíduo”, juntamente com a advertência de que este tipo de educação é mais difícil e extenuante de seguir do que o ensino tradicional com base na transferência de conhecimentos.

Neste contexto, importa destacar algumas atividades de vivência de experiências desenvolvidas por estudiosos como Wong e Wong (2009), que aplicaram o ciclo de aprendizagem experiencial de Kolb (1984), representado no (quadro 1) a uma viagem técnica na área do ensino do Turismo e da Hotelaria, confirmando o pressuposto de Kolb que, embora os estudantes possam iniciar em qualquer fase do ciclo experiencial, a aprendizagem torna-se mais eficaz quando são completadas todas as fases. Se os estudantes não estão motivados a completarem o ciclo através de reflexão, então a experiência nem

²Dewey, J. (1938). *Experience and Education*. New York, Kappa Delta impresso pela primeira vez em 1997. Referencias ao trabalho pioneiro de John Dewey sobre o ensino baseado na experiência.

sempre será educativa e pode meramente reforçar estereótipos e apoiar suposições imprecisas, referencia Young (2002).

Exemplos de aplicação de atividades de vivência de experiências podem ser atribuídos às atividades promovidas e os estudos de investigadores como Xie (2004), que organizou uma viagem técnica (*field trip*) de quatro dias às Cataratas do Niágara para seus estudantes de turismo (*Bowling Green State University*, n = 15) e, de uma forma geral, o resultado apresentou que tais atividades puderam produzir efeitos importantes sobre a formação dos alunos dos cursos de turismo. Os estudantes comentaram que a viagem técnica foi um bonus e ajudou a tornar mais realístico o material das aulas.

Quadro 1 – Ciclo de aprendizagem experiencial de Kolb (1984)

Estágio	Descrição
Experiência concreta	Atividades experienciais são desenvolvidas para desafios pessoais e em equipe
Observação reflexiva	O tutor tem um papel importante em motivar os estudantes a refletir, descrever, comunicar e aprender através de suas experiências.
Links entre conceitos a teorias	Os estudantes utilizam suas próprias experiências e teorias para construir conclusões sobre experiências.
Experimentação e aplicação	Os estudantes podem aplicar sua nova aprendizagem a experiências anteriores.

Fonte: adaptado de Wong e Wong (2009: 25)

Wong e Wong (2008) organizaram três viagens técnicas de 2 dias a destinos diferentes, Cantão, Macau e *Perl River Delta* na China para os alunos do curso de turismo e hospitalidade (*Hong Kong Polytechnic University*, n = 305). A avaliação global dos estudantes sobre as viagens foi medida utilizando 20 itens atitudinais com uma pontuação média satisfatória de 4.9 em 7 (Wong & Wong, 2008: 248). Seus estudos resultaram em relatos de estudantes nos quais “eles puderam relacionar a viagem técnica com os objetivos de aprendizagem dos temas” (média = 4.5 de 7) e “A viagem reforçou minha aprendizagem nesse tema” (média = 4.4 de 7) e “O *debriefing*³ após a viagem de campo foi útil para meu aprendizado sobre o assunto” (média = 4.2 de 7) (Wong & Wong, 2008: 248).

Durante um período de oito dias, Gretzel, Jamal e Stronza (2008), organizaram uma viagem técnica para estudantes de turismo (*Texas A & M University*, n = 35) à Península de Yucatán, no México. Uma técnica para medir atitudes pós a viagem dos estudantes foi através de seus documentos de reflexão. Relatórios foram utilizados para mensurar atitudes pós viagem técnica dos estudantes. Os instrutores relataram estudantes apresentando bons conhecimentos pessoais e a evidência de uma compreensão profunda do material do curso. A maioria dos estudantes expressaram uma atitude positiva em relação à experiência, afirmando que esta os ajudou porque proporcionou a vivência de uma experiência em

³ “*debriefing*” pode ser definido como a análise pós-experiência concebida para fornecer esclarecimentos sobre as abordagens de aprendizagem experiencial utilizadas no ensino. Significa a cessação deste momento experiencial e a decisão deliberada de refletir sobre a ação (Sims, 2002).

primeira mão, que ultrapassa em muito a informação constante nos livros ou transmitida pelo professor em sala de aula.

Como parte integrante de um curso de Gestão de Turismo, Sanders e Armstrong (2008) organizaram uma viagem técnica de um dia a *Braidwood, New South Wales*, Austrália (Universidade de Canberra, n = 60). Um questionário com 25 itens sobre a sua experiência de viagem técnica revelou atitudes positivas em relação à experiência. A resposta com maior destaque no inquérito foi: “Acho que aprendi mais sobre este destino visitando-o do que o faria através de livros ou da Internet” (Sanders & Armstrong, 2008: 33).

Weeden, Woolley e Lester (2011:352) realizaram uma viagem técnica num cruzeiro marítimo durante 7 dias com estudantes de turismo tendo constatado que a participação dos alunos desenvolvida durante a atividade facilitou ainda mais o conhecimento e a aprendizagem, não somente como resultado da interação do grupo, mas também porque a aprendizagem neste contexto vem do ato de participação. Em outras palavras, estar a bordo de um navio de cruzeiro, participando das atividades e interagindo com a equipe fornece oportunidades para a aprendizagem experiencial dos estudantes.

No que refere à aplicação dos constructos de Dewey (1997), particularmente em relação ao “aprender a aprender”, e ao uso dos modelos de configurações experienciais de Kolb (1984), estes puderam ser verificados através do trabalho de Souza (2012), que procurou perceber as intervenientes das atividades de vivência de experiência na aprendizagem dos estudantes de turismo de uma Escola Politécnica (Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, n = 25), indicando que os estudantes identificaram de maneira muito positiva o que as atividades de vivência de experiências lhes permitiram aprender durante o curso, com destaque para o desenvolvimento de competências nos domínios do “saber fazer” (Dewey, 1997), e do trabalho em equipe, ligadas ao conhecimento dos comportamentos dos elementos da equipe (Kolb, 1984), ambas com valores de positividade superiores a 90%.

De acordo com Wright (2000), estes estudos descrevem três benefícios principais da educação por meio do envolvimento dos estudantes em atividades de vivência de experiências: i) para incentivar os alunos a aprender conceitos sociológicos abstratos através de situações concretas; ii) para criar experiências de trabalho prático, e iii) para desenvolver a imaginação sociológica dos alunos, a capacidade de relacionar suas próprias experiências pessoais com questões estruturais.

Viagens técnicas como atividades de vivência de experiências no ensino e aprendizagem tecnológico do Turismo

A aplicação da viagem técnica como um instrumento de aprendizagem de vivência de experiência não é um fenómeno novo. Segundo Do (2006), na Arquitetura, por exemplo, o modo de aprender através da experiência remonta aos grandes passeios dos séculos XVII e XVIII e envolveram aspirantes a arquitetos/aprendizes que viajavam para as cidades que eram famosas por sua exuberante arquitetura, como Roma, Paris e Florença. Os viajantes teriam que passar vários anos adquirindo conhecimento através das experiências de ver,

registrar e interpretar. As lições aprendidas eram levadas de volta e contextualizadas e começava a emergir a transferência de conhecimento e inspiração recém-descoberta (Do, 2006).

Durante o Século XX o conceito de *grand tour*⁴ evoluiu desde uma oportunidade para ver e aprender para uma oportunidade de internacionalização da arquitetura. Segundo Do (2006), arquitetos renomados como Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Charles e Ray Eames, Philip Johnson, Louis Kahn e muitos outros viram a importância de adotar o modelo de aprendizagem por meio de vivência de experiência através do *touring* e isso produziu um profundo impacto em seus conhecimentos sobre arquitetura, gerando uma aprendizagem e ensino *ethos*, que deu forma ao discurso da teoria e da prática para a profissão da arquitetura.

É aceito que a aprendizagem através da "experiência em primeira mão" (indo no local, ver o mundo real e aprender através da viagem) é a melhor forma de ensino para demonstrar a aplicação direta do conhecimento (teoria). Vê-lo é crer na importância do seu (conhecimento) e no valor ao testemunhar evidências da aplicação de conhecimento ou teoria à prática. Os alunos têm uma valorização maior como resultado de serem capazes de identificar, registrar, ampliar e construir conceitos e teorias que foram introduzidos dentro dos limites da sala de aula.

Assim a viagem técnica como instrumento de aprendizagem através da vivência direta de experiências é parte inerente à formação do tecnólogo em Turismo e, portanto, estas acontecem regularmente e de acordo com a proposta formativa do curso.

Souza (2014) argumenta que as viagens técnicas que envolvem saídas de campo com pernoite no destino não tem se configurado componentes obrigatórias na estrutura curricular dos cursos superiores de tecnologia em Turismo sendo, portanto, opcional a participação do estudante nestas. Não obstante o caráter de não obrigatoriedade, há registro de índices de participação dos estudantes nestas atividades relativamente superiores à média. Tal se deve, de acordo com Souza (2014) a duas razões: i) pela percepção do aluno sobre a viagem técnica corresponder a uma componente de aprendizagem em contextos reais e, portanto, poder nutri-lo com competências adequadas para ser um profissional melhor formado e; ii) os conhecimentos adquiridos por meio da realização destas atividades constituírem instrumentos impulsionadores para um melhor desempenho acadêmico do estudante.

Partimos, portanto, da hipótese de que os estudantes têm uma percepção clara sobre a importância das viagens técnicas como atividades de vivências de experiências na formação do profissional do turismo.

⁴ *Tour* provém do inglês do Séc. XVIII provavelmente resultante do galicismo *tour*. Documentalmente, *tour* aparece em 1760, "to make a tour (or circuits journey in which many places are visited for recreation or business)" (Fúster, 1991:21)

Resultados

Representação dos estudantes sobre as aprendizagens ancoradas nas atividades de vivência de experiências

Importa referenciar que buscamos nesta parte do inquérito saber a opinião dos estudantes sobre as aprendizagens que as atividades em que participaram lhes permitiram efetuar. Com base em diferentes variáveis, o estudante assinala um dos níveis de intensidade de aprendizagem possível. Cada nível de intensidade da escala foi codificado através de um número inteiro de 1 a 5, na seguinte correspondência: (1=nada; 5=muitíssimo). No quadro 2 encontram-se os resultados obtidos sobre esta questão.

Quadro 2 – Aprendizagem consubstanciada pelas atividades vivenciadas

AS ATIVIDADES VIVENCIADAS PERMITIRAM APRENDER					
Assertivas	11	22	33	44	55
1. Planejar uma experiência no turismo	11%	55%	221%	551%	222%
2. Compreender o sistema do turismo	00%	44%	227%	449%	119%
3. Desenvolver o pensamento crítico	00%	33%	118%	447%	332%
4. Analisar situações e resolver problemas	11%	33%	335%	440%	221%
5. Melhorar meus conhecimentos sobre o conteúdo da Disciplina	00%	44%	118%	552%	226%
6. Desenvolver competências durante trabalho em equipe	33%	11%	226%	440%	330%
7. Conhecer comportamentos diferentes dos componentes da equipe	55%	11%	110%	443%	440%
8. Desenvolver a liderança em equipe	12%	88%	229%	440%	112%
9. Conhecer melhor o que é a realidade profissional do turismo	00%	11%	332%	339%	227%

Fonte: elaboração própria.

Ao se fazer uma análise sintética do quadro 2 é possível verificar que as vivências de experiências, de maneira geral, puderam cumprir com suas finalidades, ou seja, permitir a aprendizagem cognitiva, afetiva e comportamental através de um resultado duradouro pela experiência, conforme afirma Dewey (1997). Nota-se que a opinião dos estudantes em todas as variáveis apresenta índices acima de 50% de positividade, oscilando entre os níveis 4 e 5, que correspondem aos níveis mais elevados da escala, o que pode ser um indicativo de que ambientes extra-muros oferecem, efetivamente, oportunidades para a aprendizagem significativa e transformadora dos alunos; a aprendizagem sobre si mesmos e sua interação com o ambiente conforme Beard (2009), proporcionando uma perspectiva holística integrativa na aprendizagem que combina experiência, percepção, cognição e comportamento.

Importa ressaltar que as variáveis “desenvolver o pensamento crítico”, “desenvolver competências durante o trabalho em equipe” e “conhecer comportamentos diferentes dos componentes da equipe” tiveram índices acima de 70% de positividade pela amostra, convergindo com o evidenciado no ciclo experiencial de Kolb (1984).

Do valor formativo das atividades experienciais no CST em Gestão de Turismo do IFSP

Pretendia-se também avaliar as representações dos estudantes sobre o valor formativo das atividades experienciais no curso que estavam cursando, sobretudo, o entendimento deles acerca das atividades experienciais no currículo do curso. No quadro 3 apresentam-se os principais resultados.

Quadro 3 – Representação do valor formativo das experiências no curso de tecnologia em Turismo

Assertivas	11	22	33	44	55	66
10. Considero uma perda de tempo	886 %	110 %	11 %	00 %	33 %	00 %
11. As experiências me sobrecarregaram de forma excessiva	338 %	335 %	112 %	112 %	33 %	00 %
12. São importantes na preparação para a atividade profissional em turismo	11 %	00 %	33 %	118 %	668 %	99 %
13. Ajudam a desenvolver competências para atuar no mercado em turismo	00 %	00 %	77 %	330 %	558 %	55 %
14. Deve-se realizar sempre no curso	00 %	00 %	00 %	110 %	778 %	112 %
15. Ajudam a compreender melhor a componente teórica ensinada em sala de aula	00 %	00 %	55 %	225 %	661 %	99 %
16. A carga horária das experiências deve sobrepor à das componentes teóricas no currículo do curso	113 %	114 %	332 %	117 %	117 %	77 %
17. Deve haver um equilíbrio entre as componentes teóricas e as experienciais na carga horária do curso	44 %	44 %	66 %	223 %	553 %	110 %

Fonte: elaboração própria

Neste, cada questão consistia numa escala tipo-Likert com seis pontos, em que o estudante assinala um dos seis níveis de concordância possíveis. Cada um dos níveis de concordância da escala foi codificado através de um número inteiro de 1 a 6, na seguinte correspondência: (1=discordo totalmente; 6=não sei/não respondo).

Em geral, os alunos apresentam um relativo grau de conhecimento das dimensões das vivências de experiências, no que diz respeito aos papéis dos diferentes atores. Importa ressaltar que 96% dos estudantes discorda totalmente ou em parte que tais atividades sejam caracterizadas como uma perda de tempo. Tal percentual bastante significativo parece confirmar o que se tem constatado nas viagens técnicas implementadas nos cursos de tecnologia em Gestão de Turismo. Muito embora estas não sejam caracterizadas como atividades obrigatórias no currículo do curso, tal nos parece que, ainda assim, as viagens técnicas são percebidas pelos estudantes como atividades de efetivo valor educacional.

No entanto, as duas últimas variáveis, relativas ao peso que estas devem ter no currículo, merecem uma interpretação mais cautelosa, pois podem levar-nos a uma reflexão sobre a composição do currículo de um curso de tecnologia em Turismo. 34% dos estudantes inquiridos concorda totalmente ou em parte que a carga horária das experiências deve sobrepor das componentes teóricas no currículo do curso. Contudo, estas percentagens são relativamente representativas quando comparadas com os 27% dos que discordam

totalmente ou em parte, ou ainda, com os 32% que permanecem em situação de neutralidade.

O inquérito aos estudantes incluía também questões abertas ligadas à apreciação das experiências ofertadas pelo seu curso, as quais assumiram a forma de composição de texto. Uma das questões foi saber dos estudantes “o que mais gostou nas atividades que realizou?”

Figura 1 – O que o aluno mais gostou nas atividades que realizou?



As respostas à questão em análise foram agrupadas de forma aleatória, sublinhando-se algumas delas e com base nos termos que foram mais frequentes (figura 1), ficou bem perceptível que os estudantes valorizam nas atividades de vivência de experiências a possibilidade de “aprender com a experiência” realizada. A título de exemplo, destaca-se a afirmação do fato das experiências permitirem “conhecer lugares” e ter sobre os mesmos um “olhar crítico” com o auxílio do professor, ultrapassando-se por esta via o simples olhar de “turista”. A “interação-equipe” e “vivenciar a experiência”, bem como a “relação-teoria-prática”, são outros atributos muito valorizados. Associar “experiência-profissão”, a “dinâmica das atividades”, o aprender para “além da sala de aula”, representam, segundo os estudantes uma mais valia.

Há ainda estudantes que conseguem avaliar o quanto a experiência representa uma agradabilidade positiva fazendo comentário do tipo “saber fazer” uma atividade e “ser parte de uma equipe”, “explorar nosso potencial”, “melhorar a relação com o grupo e com o professor”.

Conclusões

Os resultados permitem concluir que os estudantes têm uma percepção muito clara sobre o significado das vivências de experiências no curso de tecnologia em Turismo, percepção esta representada por suas opiniões na maioria das variáveis consideradas. Deste

modo, as viagens técnicas, enquanto instrumentos de aprendizagem consubstanciadas nas vivências de experiências estão longe de serem atividades do curso desprovidas de propósitos definidos, tão pouco são percebidas como atividades impeditivas para o seu desempenho acadêmico natural e concomitantemente ao longo do curso.

Fica evidente o entendimento que os estudantes têm da importância destas atividades na preparação para o exercício profissional em turismo, além de suas contribuições no auxílio ao desenvolvimento de competências para atuação no mercado de trabalho. Há fortes indícios de que tais atividades são consideradas métodos de ensino-aprendizagem muito bem aceitos, tendo em conta que a maioria dos estudantes entende que estas devem ser sempre realizadas no âmbito do curso. Tais fatores são suficientes e vêm confirmar a hipótese estabelecida de que *“os estudantes têm uma percepção clara sobre a importância das vivências de experiências na formação do profissional do turismo”*

Para além dos significados já atribuídos às atividades, os dados indicam, ainda, uma clara demonstração de que os estudantes ligam as vivências de experiências à melhor compreensão da componente teórica lecionada em sala de aula.

Uma das respostas à uma das perguntas abertas no inquérito aos estudantes *“o que mais gostou nas experiências que realizou?”* está representada no argumento: *“gostei da oportunidade de mostrar ao professor que sou mais eficiente na prática do que na teoria (provas, atividades para notas)”*. Tal resposta nos leva a refletir, considerando que a leitura feita pelo estudante converge com o argumento de Felder (1995) de que nem todos os estudantes aprendem da mesma maneira.

Importa mencionar que a investigação junto aos estudantes revelou, ainda, lacunas e fragilidades recorrentes na implementação das viagens técnicas nos cursos de tecnologia em Turismo as quais, por fatores circunstanciais, não foram objetos deste trabalho. Contudo, embora o resultado deste estudo aponte para a importância, bem como para o potencial das viagens técnicas para a aprendizagem do turismo, torna-se fulcral a realização de estudos que possam minimizar as lacunas consoantes à implementação das viagens técnicas enquanto instrumentos de ensino e aprendizagem pela vivência real de experiências.

Referências

- Beard, C. (2009). Transforming the students' learning: experience: a pedagogic model for everyday practice. *Hospitality Leisure Sport and Tourism Network*, 1–17.
- Dewey, J. (1997). *Experience and education*. New York: Simon & Schuster.
- Do, K. (2006). *Enhancing Student Learning: Evaluations and Assessment Conference Refereed Papers. Experiential education: beyond the classroom*. Curtin University of Technology, Perth, Western Australia.
- Felder, R. (1995). We never said it would be easy. *Chemical Engineering Education*, 29(1), 32-33.
- Getz, D. (2007). *Event studies: theory, research and policy for planned events*. Oxford: Elsevier.
- Gretzel, U., Jamal, T. & Stronza, A. (2008). Teaching international tourism: an interdisciplinary field-based course. *Journal of Teaching in Travel and Tourism*, 8(2/3), 261-282.

- Hawkins, D. & Weiss, B. (2005). Experiential education in graduate tourism studies. *Journal of Teaching in Travel & Tourism*, 4(3), 1-29.
- Kolb, D. (1984). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Saltmarsh, J. (1992). John Dewey and the future of cooperative education. *Journal of Cooperative Education* (feature article), Fall 1992, 28(1).
- Sims, R. (2002). Debriefing experiential learning exercises in ethics education. *Teaching business ethics*, 6, 179-197.
- Souza, R. (2012). *Contributo das atividades experienciais na aprendizagem do turismo em Portugal*. Comunicação apresentada no X Foro Internacional sobre la evaluación de la calidad de la investigación e de la educación superior. Granada/ES.
- Souza, R. (2014). *A Formação Tecnológica em Turismo no Brasil: potencialidades e fragilidades das atividades experienciais nos cursos de Gestão de Turismo*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Weeden, C., Woolley, J. & Lester, Jo-Anne (2011). Cruise and learning: reflections on a cruise field trip. *Journal of Teaching in Travel & Tourism*, 11(4), 349-366.
- Wong, A. & Wong, S. (2008). Useful practices for organizing a field trip that enhances learning. *Journal of Teaching in Travel and Tourism*, 8(2-3), 241-260.
- Wright, M. (2000). Getting more out of less: the benefits of short-term experiential learning in undergraduate sociology courses. *Teaching Sociology*, 28, 116–126.
- Xie, P. (2004). Tourism field trip: student's view of experiential learning. *Tourism Review International*, 8, 101-111.
- Young, M. (2002). Experiential learning: hands-on + minds-on. *Marketing Education Review*, 12(1), 43-51.